

RESENHA

LOBATO, Lak. *Desculpe, não ouvi!* São Paulo: Atitude Terra, 2014.

Fernanda Santos Fernandes¹

“A vida me roubou 26 anos de sons. Mas, quando me devolveu, permitiu uma alegria e um entusiasmo que dificilmente alguém consegue sentir sem ter passado por uma privação tão grande.”

Segundo a OMS – Organização Mundial da Saúde, existem cerca de 500 milhões de pessoas com deficiência auditiva no mundo. A previsão é ainda mais preocupante: esse número estará próximo a 1 bilhão em todo o globo terrestre até o ano de 2050. O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgou no censo 2010, que 5,1% da população autodeclarou ter dificuldade para ouvir. Ao analisar os resultados estatísticos apresentados pelo Instituto, fica evidente que vários critérios acerca da perda auditiva (grau da perda, época de surgimento da perda, uso de prótese auditiva, uso de implante coclear, vergonha da deficiência, entre outros) foram ignorados. Nesse contexto, é possível inferir que, na realidade, o número de pessoas com deficiência auditiva seja ainda maior. De qualquer modo, transformar a surdez em números traz uma realidade impressionante e desconhecida pela grande maioria da população.

O crescente número de pessoas com deficiência auditiva, merece um olhar mais atento. Ainda nos dias de hoje, o preconceito, o desconhecimento, a falta da

¹ Fonoaudióloga, graduada pelo Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da UFRJ, Pós-Graduada em Audiologia Clínica, Mestranda em Cognição e Linguagem pela UENF, professora do Centro Universitário Fluminense UNIFLU. E-mail: fernanda.fernandes@gmail.com

verdadeira inclusão limitam os surdos a acessos básicos como educação, saúde e, até mesmo ao mercado de trabalho. Para reverter esse quadro, faz-se necessário compreender a pessoa com deficiência auditiva e o contexto no qual está inserida. Para tratar desse desafio, o livro, *Desculpe, não ouvi!*, traz o cotidiano de uma surda ao longo de três décadas.

O livro, publicado em 2014 pela Editora Atitude Terra, é uma obra autobiográfica de Lak Lobato, blogueira, escritora e comunicadora que, às vésperas de completar 10 anos de idade, amanhece surda. Por meio do livro em questão, a autora apresenta de forma simples, bem-humorada e cheia de emoção, situações do seu dia a dia de surda-oralizada e, posteriormente, de surda-oralizada-implantada. A obra foi redigida com o intuito de alcançar tanto leitores especializados, leigos, quanto curiosos, ou seja, cumpre o papel de divulgação e de tornar acessível o mundo dos surdos.

O livro foi delineado em três partes contendo subdivisões que narram fatos e acontecimentos da vida da autora que levam o leitor a refletir sobre situações corriqueiras. Em várias passagens do livro, fica nítido que acontecimentos que parecem banais, ganham outra dimensão no mundo do surdo e daquele que está (re)descobrimo os sons.

A primeira parte refere-se aos anos após o surgimento da surdez. Mais de duas décadas de silêncio, se comunicando através de leitura labial. O diagnóstico de surdez profunda bilateral irreversível, não foi impedimento para a vida continuar. Lak cita suas conquistas como desenvolver o talento para escrita, ter se tornado exímia na técnica de leitura labial, aprender francês, concluir a faculdade e mesmo, sem ouvir sua própria voz, apresentar seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso para uma plateia de 200 pessoas. Além de narrar sua experiência de intercâmbio em Madrid e seu casamento.

Alguns episódios trazem grandes lições de situações vividas pelos surdos. Frases de impacto como: “Foi nesse dia que percebi que ouvintes não sabiam lidar comigo...”, surgem na narrativa. Torna-se obrigatório explicar para as pessoas que fazer leitura labial o tempo todo, é algo que exige grande atenção e, portanto, é mentalmente cansativo. Não responder a uma pergunta ou comentário pode fazer o surdo se passar por uma pessoa mal-humorada, tímida ou antissocial. A professora da Faculdade de Comunicação Social duvida se Lak é alfabetizada. Preconceito ou

desconhecimento? Ora, como teria chegado à faculdade? Não conseguir usar o telefone para se comunicar, vira empecilho no mercado de trabalho. Seu sotaque de surda deixa a dúvida sobre a sua nacionalidade, se está resfriada ou mesmo se está fazendo “voz de duende”. A autora expõe estes e outros casos de modo que o leitor reflita sobre suas atitudes e crenças.

Na segunda parte do livro, Lak (re)descobre que o “mundo grita e canta”. A cirurgia de implante coclear na orelha esquerda permitiu que essa pessoa que, agora é “um pouco máquina”, recuperasse a audição para sons ambientais. Contudo, Lak ainda apresentava dificuldade em discriminar sons, principalmente a fala. Isso fazia com que ela ainda dependesse muito da leitura labial.

Nesta parte do livro, a autora relata com muita emoção suas experiências auditivas. Ouvir música, ir ao cinema, passar a mão no cabelo, a descoberta que tudo faz barulho. Até a pipoca é mais gostosa quando se escuta o barulho do milho estourando. A chuva, o mar, uma garrafa de refrigerante sendo aberta. Ouvir pela primeira vez “eu te amo”. Um “deslumbramento sonoro”, atenção aos mínimos detalhes. Coisas simples que passam totalmente despercebidos pela grande maioria das pessoas, são capazes de gerar emoções complexas e inesquecíveis em outras. Mais uma vez Lak sensibiliza o leitor. Mesmo aquele que é ouvinte se depara com um mundo de novidades auditivas.

A terceira parte a autora dedica a sua experiência de ouvir novamente com as duas orelhas. Nesta época, Lak já escrevia seu blog sobre implante coclear e ainda no centro pré-operatório, aguardando a hora da cirurgia, descobre ser inspiração para que outros surdos também optem pelo implante. A audição bilateral a trouxe de volta a sensação de “ouvir de verdade”. Até mesmo porque no segundo implante, todos os eletrodos foram ativados, melhorando muito a compreensão da fala. A ponto de, finalmente, após pouco mais de 25 anos, conseguir ouvir a sua própria voz. A autora passa a ter experiência consciente de integração sensorial. Ouvir não se resume somente a escutar som. Ouvir complementa a cor, o cheiro, o sabor, o toque. Atualiza e constrói memórias.

A terceira parte do livro segue com relatos emocionantes de experiências sonoras, conectando-a cada vez mais com o mundo. “Descobertas fantásticas em relação à vida” que a fazem rir, chorar, aprender e reaprender. Lak Lobato é dona de

uma “história de vida capaz de tocar até quem não tem experiência com surdez ou com qualquer outra deficiência”.

O livro conta ainda com o epílogo, em que Lak apresenta um e-mail enviado pelo médico que realizou suas duas cirurgias de implante coclear. E, para finalizar, um importante apêndice escrito por duas fonoaudiólogas, trazendo informações sobre quem são os surdos oralizados e conhecimentos sobre o implante coclear bem como as etapas da (re)habilitação auditiva.

Além do caráter informativo e divulgador da surdez e do implante coclear, o livro serve de fonte de encorajamento para muitos que pensam em realizar a cirurgia. No entanto, em diferentes passagens do livro, a autora, de forma consciente, deixa claro que os resultados que ela obteve com o(s) implante(s) não são regra. Ouso dizer que nem mesmo a sua vida de surda corresponde a realidade da maioria das pessoas com deficiência auditiva.

É fato que Lak não se deixou abater com as dificuldades e limitações impostas pela falta de audição. Condições médicas, apoio da família, estimulação precoce, acesso à informação, entre outros, compõem o quadro para o sucesso do implante. O surdo, a família, os profissionais de saúde envolvidos em todo o processo, desde o luto da descoberta da surdez, até o (re)nascimento da audição devem ter em mente que o implante coclear é *uma* das tecnologias capazes de “estourar a bolha do silêncio” – como a capa do livro sugere. Todavia, não é mágico nem milagroso e nem mesmo é a solução para todos os surdos.

Por fim, o livro aguça a curiosidade e serve de estímulo a reflexões sobre o complexo tema da surdez e suas vertentes. Ler sobre surdez, seus desafios e recompensas sob o ponto de vista de uma surda, é um privilégio que torna mais fácil, para qualquer um romper a barreira do silêncio.